

**D**epois de anos de trabalho com a matéria. O movimento das mãos a contê-la e molda-la no silêncio dos olhos fechados. Na busca tangível daquilo que ainda não se conhece e que leva ao conhecimento.

Um dia, na primavera de 1995, a Irmã Teresa Cañamás, directora da escola “A Purísima para niños sordos” de Palma de Maiorca, pediu-me que esculpisse para a sua Comunidade uma imagem de Maria, a Mãe de Jesus. Para que eu entendesse bem o que ela esperava de mim mostrou-me, no corredor de sua Clausura, uma estátua de gesso da Imaculada, grande, vestida de azul, com um rosto doce, uma coroa de estrelas e a lua aos seus pés. Aquela imagem confundiu-me. Estava prestes a partir para o México e levei dentro de mim aquele pedido, que já se tornara como uma “semente”. No México ainda estava confuso, porque as imagens de Maria faziam-me lembrar aquela Imaculada no corredor da Clausura, imagens longínquas; mas esta minha confusão e a devoção popular transformaram-se na “água” que fez brotar a semente, que nesta altura já entrara em mim. De manhã cedo, durante uma visita ao mercado de Puebla, vi uma cera. A cera é a matéria com a qual costumo trabalhar e, apesar daquela cera mexicana ser pouco purificada, fazia-me lembrar o mármore e senti-me atraído por ela.

De volta à Espanha fiquei alguns dias em Barcelona antes de voltar para Maiorca. Para vencer a minha confusão havia decidido não pensar mais em Maria, mas estava com muita vontade de experimentar aquela cera: juntavam-se em mim o desejo de moldar e o sentimento de que devia fazê-lo. Não necessitava de mais nada para iniciar e assim, no silêncio dos olhos fechados, descobri no vazio das minhas mãos aquilo que não conhecia. Uma realidade que aos poucos ia tomando forma e que adquiria todo o significado ao ser contida nas mãos. Reconheci na minha memória de Maria as imagens que eu vira no México (e também aquela da Imaculada no corredor Clausura). Lembrei as minhas visões durante a visita a Nazareth: o poço de Maria, rumo ao qual me parecera vê-la caminhar, a sua casa naquela grande igreja a Ela dedicada.

Comecei a retocá-la com o afã da perfeição das formas, abrindo e fechando os olhos... um pouco distraídos pela minha profissão de escultor. Os olhos permitiam-me vê-la de diversos ângulos e ver os momentos da sua vida. De novo aparecia tudo o que eu reconhecera na minha memória.

No mês de Julho daquele ano, um artigo do escritor e sacerdote Miquel Ambrós i Albertí, publicado na revista ‘Brisas’ de Palma de Maiorca, contava o nascimento desta imagem e dos meus temores. Mostrando-lha perguntei: “mas...pode-se segurar a Nossa Senhora nas mãos?” Respondeu-me citando a primeira carta de São João: *Anunciamo-vos aquilo que ouvimos, aquilo que vimos com os nossos olhos, aquilo que contemplamos e que tocamos com as nossas mãos: A Palavra da Vida.*

Tranquilizado por essas palavras, fui ter com a Irmã Teresa para lhe mostrar o resultado. Ela não estava, mas encontrei seu sobrinho, Vicent, amigo de velha data. Miquel Ambrós acompanhava-me. Disse-lhe que a estatua estava pronta e mostrei-lha. Com emoção, as suas mãos deslocaram-se rapidamente para apanhá-la e levando-a ao seu coração disse “minha mãe”. Aquela reacção impressionou-me. Pedi-lhe para que enviasse

os meus originais de cera à sua tia. Alguns dias depois soube pelo Vicent que a imagem fora recebida com surpresa. A irmã Teresa esperava de mim outro tipo de coisa, e quando a encontrei não consegui perceber qual era, de facto, a sua relação com o resultado do meu trabalho; mas disse-me que ao contê-la éramos por Ela contidos. Isto fez-me entender outras coisas, mais importantes.

Mostrei-a depois ao amigo e poeta Carles Duarte. Ficou fascinado e escreveu a poesia que completava com a palavra a minha obra. "As mãos são uma pousada, onde aprendo a invocar-te". Maravilhosa intuição poética com a qual termina seus versos e que também define todo o meu trabalho: as mãos como instrumento do conhecimento concreto, aquele que antecede a abstracção e que está na sua origem.

Entendi que o caminho estava certo e fiquei realmente orgulhoso.... o castigo não tardou a chegar. No mês de Setembro do mesmo ano dei-me conta, com firme lucidez, que a forma por mim moldada não alcançara ainda a perfeição e, apesar da imagem já ter sido reproduzida em oito exemplares de madeira para as Irmãs Franciscanas da escola "A Puríssima", com surpresa e desaprovação de todos, mandei logo interromper o trabalho .

Passaram-se quase dois anos e meio, cheios de longas permanências em África que, no entanto, se tornara a nova "água", e no dia 8 de Janeiro de 1998, no meu atelier de Maiorca, consegui finalmente, após tantas tentativas, encontrar a forma definitiva. As alterações davam-lhe o exacto equilíbrio. Olhando-a dos diferentes ângulos, agora aqueles momentos da vida de Maria que já existiam na primeira versão, independentemente da minha intencionalidade, estavam bem mais nítidos. A nova forma, em horizontal, também revelava a forma de uma pomba.

Talvez naquela mesma tarde, ou no dia seguinte, teve início um novo percurso. Do encontro entre as mãos e a matéria surgira aquela forma. Sentia que o meu trabalho, aquele que eu podia fazer em solidão, aliás que eu devia fazer em solidão, terminara: iniciava-se agora o percurso do projecto, a ser partilhado com os outros, e até mesmo a ser confiado aos outros.

Aquela simples realidade de cera podia ser tocada e olhada. O tacto e a visão eram complementares um do outro. Lembrei-me da Imaculada no corredor da Clausura. Grande, longínqua, quase intangível e imaginei logo a minha escultura que se afastava das mãos para se tornar grande, para pertencer ao espaço. Sentia como este afastamento nos teria depois, inevitavelmente, reconduzido às mãos: a surpresa de conter aquilo que vemos e que passa da distância à proximidade, à intimidade. A intimidade sugeriu-me uma redução, até desaparecer na própria mão. Estes três momentos de percepção: a ampliação só para o olha, a dimensão original com a medida das mãos para o tacto e a visão juntos e, finalmente, a redução só para o tacto, traduziam-se em momentos estéticos que me empurravam para descobrir dentro de mim outros momentos e ser capaz de comunicar aquilo que a minha memória continha.

Sempre me abalou a multiplicidade das imagens de Maria. Diversas, muitas - quantas há? Talvez eu quisesse respeitar esta diversidade ao pensá-la como a adaptação da representação de Maria nas diferentes culturas, mas queria também reafirmar a unicidade. O passo foi fácil: São José, a madeira. As diferentes madeiras haviam de se tornar as roupas de Maria, vindas de muitos lugares e, portanto, de muitas culturas; mas a forma permaneceria sempre a mesma. Quantas roupas? Era simplesmente evidente: os

anos do Seu Filho sobre terra, 33. Pronto, estava dado mais um passo à frente, mas não bastava. De facto, a imagem para ser vista em pé e manifestar toda a sua beleza, tinha por força que estar nas mãos e eu ainda não encontrara uma solução para mostrá-la sem me valer das mãos. Perguntei a mim mesmo: e se as mãos não se vissem? Joguei então com o impossível para encontrar, no fim, o ar sólido que a poderia conter: o vidro. Imaginei assim trinta e três cilindros de vidro, em cujo interior teria colocado, com a inclinação desejada, pendentes para a frente, as trinta e três estatuetas vestidas com as madeiras de todos os lugares. Como um suceder lógico contido na semente, percebi que nos anos de Jesus sobre a terra estava o nascimento das trinta e três colunas: teriam então que surgir da terra.

Os momentos da percepção, seguindo a linha do meu trabalho, deviam ser também os do olfacto e da audição. Procurei na madeira do cedro e do cipreste o estímulo olfactivo para nos acompanhar no encontro com Maria, mas não demorei a entender que devia buscá-lo na própria terra de Maiorca: plantas e arbustos da ilha, apanhados na primavera, tomaram-se a fragrância que sempre acompanharia a imagem.

Era necessário encontrar um compositor para a música de Maria. Por não conseguir encontrá-lo, escolhi um repertório de música mariana. Ao chegar a Assis encontrei quem, talvez, já estivesse predestinado: O Padre Giuseppe Magrino, Maestro de Capela do Sagrado Convento de São Francisco. Assim surgiu a música, inspirada por esta imagem e pela sua apresentação. Já a escutei ao piano, tocada pelo Padre Giuseppe, antes de iniciar a sua transcrição para os instrumentos de cordas, sopro, soprano e tenor. Uma maravilha que nos aproxima ao mistério de Maria.

A busca das madeiras foi difícil e eu entendia pouco ou nada do assunto. Uma surpresa e uma descoberta atrás da outra, com a ajuda de “costureiros” especializados em madeiras exóticas e marceneiros torneiros. O meu trabalho foi de limpeza e acabamento, uma por uma, para exaltar de forma natural, à mão, a beleza de cada madeira, os veios e a luz.

Conseguira reunir todos os elementos para realizar a instalação, mas faltava-me o espaço para o encontro entre aqueles que entrariam e a experiência, inclusive sensitiva, de Maria. Independentemente do credo de cada um, entrar devia permitir o encontro de cada um consigo mesmo, através de uma experiência que nos ligava à Mãe de Jesus ou, pelo menos, à Mãe de todos, a terra.

Escolhera apresentar a obra Maria em Barcelona, num espaço religioso, e tive a possibilidade de realizar a primeira instalação junto ao Museu Diocesano de Barcelona, em Dezembro de 1998.

Durante aqueles dias em Barcelona dei-me contas da resposta dos visitantes e dos meios de comunicação e foi para mim uma surpresa constatar quanto esta imagem tocava realmente a todos. Prova disto foi o grande número de pedidos para apresentá-la noutros lugares: desde então a exposição visitou (exceptuando uma só vez) igrejas e catedrais, obedecendo a uma escolha não apenas católica, mas também universalmente cristã, como foi evidente na igreja evangélica luterana, Alte Nikolaikirche, de Francoforte, onde fui convidado a expor quase três anos mais tarde. Durante o percurso reforçou-se a minha vontade de recuperar os espaços do culto religioso, testemunhas da nossa cultura e da nossa identidade cristã.

Aqueles que trabalham comigo muitas vezes me ouviram dizer que não precisamos nos preocupar, pois Maria sabe onde quer ir. De Barcelona em diante, todos os pedidos para expô-la levaram-na a espaços feitos especificamente e em duas oportunidades foi testada a minha vontade de recuperação do património religioso e artístico: a capela de São Gil Frederich da Catedral de Tortosa e a igreja de Sant Antoniet em Palma de Maiorca.

O desenho das instalações ia se adequando aos lugares que a recebiam e alterava-se todas as vezes, levando-me sempre a dizer que a última era melhor que as anteriores.

No final daquele ano Jubilar de 2000, na sua décima segunda apresentação, Maria voltou a casa, em Maiorca. Quando me propuseram a igreja de "Sant Antoniet", estimulado pela minha visão, logo imaginei como seria a instalação e consegui fazer restaurar a igreja. Foi fundamental o apoio do Bispo de Maiorca, Teodoro Úbeda, cujas palavras introduziram nessa ocasião a minha obra.

A planta elíptica de Sant Antoniet sugeriu-me que a geometria do conjunto deveria ser um círculo. Em baixo a faixa de terra que, ao abrir-se para acolher, torna-se a letra ómega, e no alto um círculo fechado que circunscribe a letra alfa; as duas maiúsculas. No centro a mesa sobre a qual se encontram as cópias da escultura para serem tocadas e contidas nas mãos por aqueles que entraram. A visão da Alfa-Ómega tomara forma dentro de mim e eu queria realizá-la em Assis. Graças ao Padre Vittorio Peri, prior da Igreja Catedral de San Rufino, e à NESHER, Associação Cultural, Santa Maria delle Rose acolhe a obra Maria.

Desde Dezembro de 1998 as trinta e três imagens de madeira enriqueceram-se com o olhar de muitos e conservam a memória dos lugares que as receberam. Desde 20 de Janeiro de 2002 chegaram a Santa Maria delle Rose para lá ficar, deixando-me crer que o meu trabalho tinha acabado, mas estava enganado. Soube há pouco tempo que o Arcebispo de Santiago de Compostela, Monsenhor Juliàn Barrio Barrio, baptizou a obra com o nome de "Maria, estrela do Caminho" e deseja recebê-la para sempre numa igreja da sua Diocese. Mas as trinta e três imagens de Maria naquelas madeiras são únicas e não podem ser repetidas.

Em 1999, quando realizei a primeira ampliação em mármore de Carrara, senti um desejo estético a interpelar-me: realizar as trinta e três esculturas só em mármore. Mármorees provenientes de toda a parte do planeta. Naquele momento não era possível pensar uma tal aventura técnica, mas por não ter desistido inicia-se agora um novo caminho para comunicar Maria com o esplendor e a pureza do mármore. Um caminho, justamente, rumo a Santiago de Compostela.

A minha gratidão a todos os que me ajudaram e compartilham comigo este projecto.

• Guido Dettoni della Grazia

Barcelona, primavera 2002